

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Manda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	25000	Trimestre ou 6 numeros 6600
Semestre ou 12 numeros	12500	N.º avulso ou pago á entrega 6120
ESTRANGEIRO UNIXO GERAL DOS COMMERÇOS		
Año ou 24 numeros	35000	Semestre ou 12 numeros 18500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 39

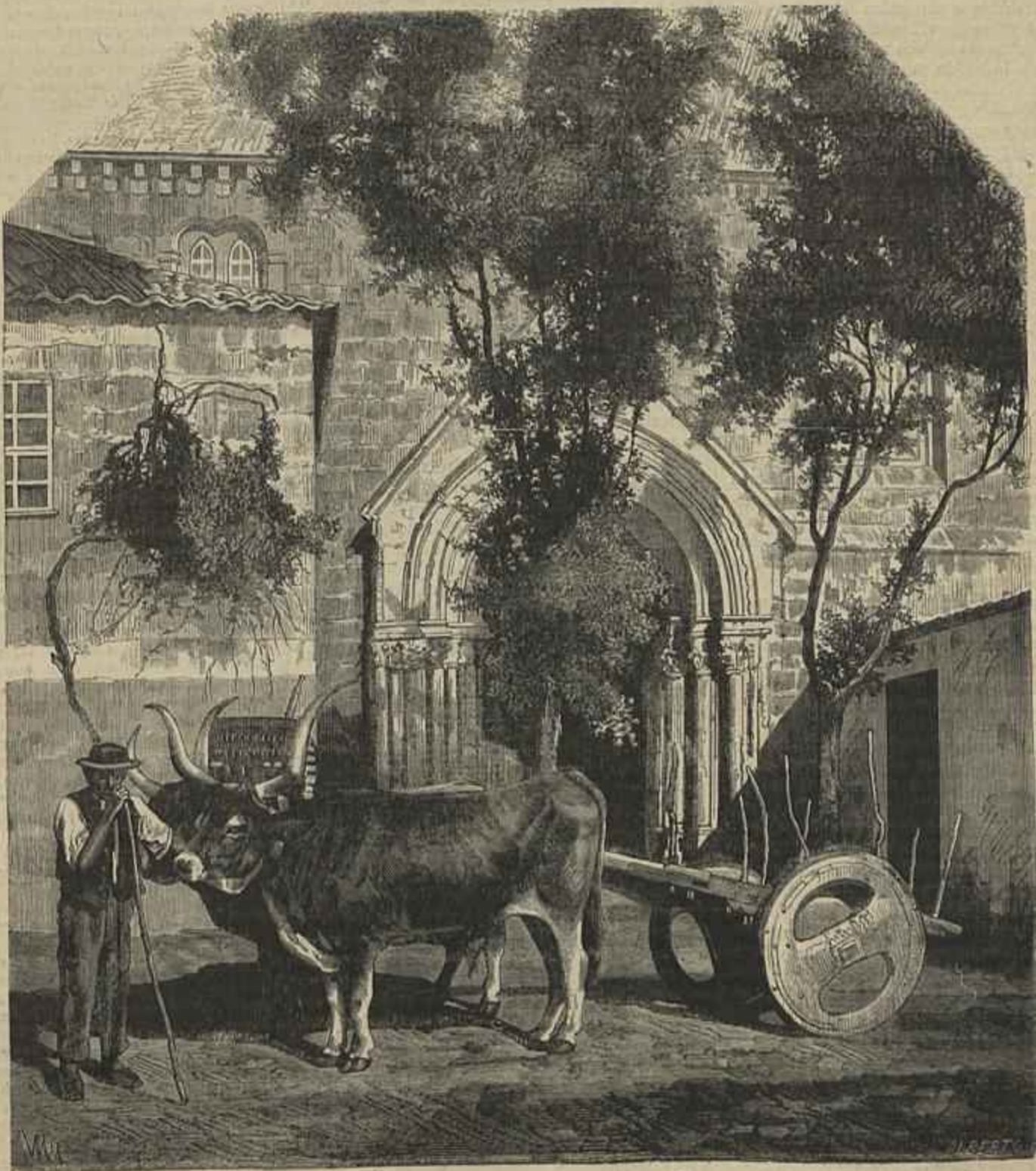
1. DE AGOSTO 1879

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA—43, RUA DO LORETO, 43—LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro sr. Serafim J. Alves.

PORTUGAL PITTORESCO



EM LEÇA DO BAILIO — PORTA LATERAL DO CONVENTO (Desenho de M. de Macedo, segundo uma photographia de Carlos Reivas)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — José Gomes Monteiro, PIBEIRO CHAGAS — João Pedro Monteiro, ZACHARIAS D'ÁGA — Manuel Borges Carneiro, BRITO REBELLO — As nossas gravuras — Viagem através d'Africa Austral pelo major Serpa Pinto, ALBERTO CRYVAES.

GRAVURAS. — Em Leça do Balho, porta lateral do convento — Manuel Borges Carneiro — José Gomes Monteiro — Cintra, entrada do parque do palácio da Pena — João Pedro Monteiro — Cabo Verde, palácio do governo em S. Vicente — Belmonte, exterior da povoação ou Libata de A. F. P. da Silva Porto no Bibé — Planta da povoação de Belmonte — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Nos paizes revolucionarios as grandes temperaturas podem ser propicias ás barricadas, entre nós, quando o thermometro sobe a 24°, a primeira coisa que desejamos não é pegar em armas para derrubar as instituições, é simplesmente tomar um sorvete para matar o calor, e partir depois, não para o combate, mas tão somente para Cintra ou para Collares o que é muito mais ameno e sobretudo muito mais fresco.

E todavia Lisboa, segundo o testemunho vocal de sete mil e quinhentos poetas lyricos da cidade e extramuros, acha-se reclinada á beira mar, mirando a face no cristal do Tejo, bafejada pela briza do Oceano, com a face banhada pelas claridades do luar, pensativa, soltos os cabellos á viração, n'um estado de frescura realmente communicativa e encantadora, quando a contemplamos — em redondilha!

Dá-se entretanto um caso estranho. Os habitantes de Lisboa quando chega a quadra do calor fogem do regaço d'esta *odalisca*, como ainda ha muito quem lhe chame nas duas Beiras, e vão-se abrigar nas espessuras da estrada de Sacavem ou nas alfombras das charcoas do Alemtejo, deixando-a ao abandono como uma cidade maldita onde tivesse passado o só-pro d'um veredor!

Ha na verdade uma grande differença entre a Lisboa que o sr. Thomaz Ribeiro tinha pena de não ver quando escrevia o *D. Jayme*, e a Lisboa que elle depois sentiu das janellas da secretaria da marinha quando mais tarde soltava as suas portarias inspiradas á viração do Tejo!

Esta differença entre a Lisboa que sonhamos e a Lisboa que respiramos, tem sido principalmente originada pelo zelo dos poderes publicos, que n'este ponto, realmente, ninguém pôde taxar de romanticos. Elles foram-se á Lisboa que os trovadores da provincia entreviam vogando Tejo abaixo, dentro d'uma concha tirada por dois cysnes, e prepararam-n'a de modo que faz antes inveja vel-a n'uma carroça tirada por dois machos!

E ainda haverá quem sustente que o sr. Rosa Araujo e os seus predecessores são discipulos da escola de Octavio Feuillet?...

Entretanto o que seria logico era que, em vez de Lisboa partir para as solidões agrestes da provincia quando chegam os mezes de calor, fosse de ordinario a provincia que partisse para Lisboa quando a cigarra canta nos descampados, as moscas enxameiam nas azinheiras e o largo sol bate insistentemente o macadam esculpado das estradas; salvo se as provincias demonstrassem possuir junto a si, a banhar-lhes as soleiras das portas, um Tejo tão authentico como o que lambe os caes do Terreiro do Paço e do Aterro, e uma briza do Oceano tão garantida como a que todas as tardes deve soprar pelas alturas do Bastello.

Nada entretanto mais possivel do que tornar Lisboa uma estancia encantadora, como Genova, como Nice, como Biarritz, e tantos outros sitios celebrados hoje nas grandes chronicas mundanas.

Bastava simplesmente que a iniciativa dos habitantes não semeasse só de rosas o appellido dos seus vereadores. Sim, porque a verdade é esta: podem por ventura muitos portos

do mundo apresentar aspectos da natureza mais variados e mais tocantes, um sol mais claro, um azul do céu mais nitido, um rio mais ameno e mais domavel do que o nosso?

N'este momento cuida-se em prolongar o Passeio Publico n'um extenso boulevard por entre as vertentes dos montes sobranceiros a Valle do Pereiro. Pôde ser uma obra util desde que o camarello municipal deite abaixo, ao mesmo tempo, as grades do Passeio e o baile infantil. A cidade e a morat começarão a respirar melhor pelo lado Norte; não devamos entretanto esquecer que o boulevard principal de Lisboa é o Tejo. Um boulevard que principia em Nova York e acaba em S. Petersburgo e pelo qual entrarão todos os dias os grandes vehiculos de quatro mil toneladas movidos por mil e quinhentos cavallos, de vapor, ao passo que pelo do Campo Grande poucas mais passarão dos que os que chegam da Porcalhota movidos por um burrinho idyllico com destino á Praça da Figueira, carregados de alface em satisfação ao bucolismo dos homens e ao dos grillos.

O boulevard do Tejo deve pois merecer um cuidado especial aos poderes publicos nacionaes. Attendam ss. ex.ª a que, das nossas grandezas passadas, as duas cousas que nos restam verdadeiramente intactas são, os *Lusitans* e o Tejo. A propria custódia de Belem, duvido que ainda tenha as pedrinhas todas.

Um acontecimento que no decurso da quinzena teve em Lisboa um successo igual ao da *aurora da liberdade*, foi o dos *chinezes* no Passeio Publico, embora, diga-se a verdade, elles fossem tão pestigos e tão artificiaes como o entusiasmo que Lisboa acaba de manifestar por meio de alguns foguetes e de varias grammas de arroz distribuidas pelas tantas freguezias em que se divide a cidade.

Tirando a parada e a tribuna armada em frente do theatro de D. Maria II, Lisboa fica exactamente como os *chinezes* do Passeio tirando-lhes a cabaia e o rabicho. Uma Lisboa pacata, de suissas ou de bigode e pera, servindo o artigo de fundo, a tuberculose, o escandalo, a polka-mazurka e a facada aos seus habitantes, com a simplicidade com que os seus *chinezes* em dias ordinarios nos servem algumas coisas peiores do que aquellas — nos cafés.

Depois da China o Tyrol. A empreza do Passeio Publico traz os habitantes da capital n'uma correria vertiginosa de norte a sul, do nascente ao oriente!

Affiançam os cartazes, entretanto, que os tyrolezes são legitimos, e não ha razão nenhuma para duvidar da palavra de honra d'um cartaz competentemente estampilhado com o sello da lei. Além d'isso, ouvindo-os, conhece-se logo que não são decerto estes tyrolezes os que constituem, de quando em quando, os coros ordinarios da Trindade ou da rua dos Gondes.

O Tyrol, até hoje unicamente gemido por algum pianno melancolico, vae pois ter o seu momento de popularidade ruidosa entre nós.

Seria para mim um grande vexame se d'esta vez não pudesse apontar ao leitor um livro sequer! Aqui tenho um que me salva: — *Viagem a Marrocos* é o titulo d'um volume escripto pelo sr. Ruy da Camara, *touriste* que um bello dia se deu ao prazer de visitar a Barbaria, levando assim a cabo um commettimento que me persuado não ter sido praticado por nenhum portuguez depois d'Alcacer-Kibir.

Os que se orgulham com os feitos nacionaes devem ler este livro, da mesma forma que o devem ler os que ainda almejam pela desforra d'aquelle memorando desastre. Na sua *Viagem* o sr. Ruy da Camara descreve-nos Marrocos tal qual existe hoje, triste, vivendo em plena selvageria, tyranisado pelos sultões e n'um estado financeiro ainda mais lastimoso do que o nosso!

Estamos vingados da Mauritania!

E' certo que com um bocado de paciencia, e alguns adjectivos apropriados se compõe, a respeito de Marrocos ou de qualquer paiz, o capitulo mais interessantemente mentiroso de que é susceptivel o engenho humano.

Este livro, porém, não é assim. Vê-se bem que é escripto por quem, para proporcionar

estas trezentas paginas ao infatigavel editor o sr. Chardron, não trepidou em arriscar o seu pescoço aos golpes da cemitarra musulmana!

GUILHERME D'AZEVEDO.

JOSÉ GOMES MONTEIRO

Sempre que vejo sumir-se no tumulo um homem da geração a que pertencem ou pertenceram nossos paes, sinto uma vaga tristeza, como quando vejo desabar uma a uma as arvores seculares e potentes das alamedas e-phoriaes das velhas quintas, deixando o terreno cada vez mais dominado ou pelas plantas rasteiras, ou pelos eucalyptos, essas simil-arvores que invadem os nossos parques, da mesma forma que o simil-bronze as nossas jardineiras, e o simil-marmore as fachadas baratas das nossas casas.

É que essa geração foi realmente forte e vigorosa. Por ella e só por ella teve o seculo XIX a sua grandeza maravilhosa. A arte, a sciencia, a politica, a litteratura tudo devem a esses gigantes. Nós temos na arte Wagner, mas o que vale esse anão ao lado de Meyerbeer? Temos na sciencia Edison, mas é um simples respigador no campo onde os nossos paes colheram os grandes progressos que transformaram de subito as condições materiaes das sociedades humanas. Temos philologos distinctissimos, sabios archeologos, mas elles crearam a philologia, descobriram o sanscrito, interpretaram os hieroglyphos. Os mais avançados dos nossos contemporaneos não encontram homens novos para oppôr aos homens d'aquella geração, que aliás tratam, como é tendencia geral dos espiritos juvenis, com um desdém supremo. E afinal os poetas, que desdenham profundamente o romantismo, proclamam como seu chefe Victor Hugo, que foi do romantismo a mais completa encarnação, os revolucionarios mais exaltados lêem pelo Evangelho de Proudhon, e Proudhon é já um antepassado, os innovadores em philosophia agrupam-se em torno de Augusto Comte, que já dorme ha um bom par de annos o ultimo somno a sombra dos cyprestes, os proprios realistas ou naturalistas podem achar mais novo o processo Zola do que o processo Balzac, mas de Balzac é que deriva a escola.

Não pretendo de modo algum depreciar os nossos contemporaneos, estou mostrando apenas as consequencias da implacavel logica da historia. E que no mundo moral não se succedem as épocas fecundas, como se não succedem os annos férteis no mundo physico! A humanidade precisa do descanso, como a terra de pouso. A grande geração revolucionaria não podia ser seguida por uma geração igualmente propria para as grandes concepções, e para as transformações litterarias e politicas.

Fizeram nossos paes a revolução, e o que ficaram em politica havia de repercutir-se forçosamente na litteratura e até mesmo na sciencia. A democracia havia de invadir a arte como invadiu a sociedade, da mesma forma que o convencionalismo havia de desaparecer como desapareceu a etiqueta. Assim como para os historiadores do seculo passado não havia historia senão a dos reis, assim tambem não havia litteratura senão a dos grandes seculos. Da mesma forma que o povo não existia em politica, tambem não existia em litteratura. Os seus romances ingenuos, as suas creações epicas balbuciantes eram desprezadas como o seu voto em questões do estado, como a historia da formação das soas communas e da sua extincção, e da sua vida e dos seus padecimentos na litteratura historica. Tudo isso se transformou. Desappareceram na tempestade a realza, a tragedia, a historia cortezã, o classicismo, a critica pueril, e surgiram novas formas para a sociedade, novas creações para a arte, novos criterios para as sciencias historicas. Essa foi a transformação enorme, agigantada, que fez do seculo XIX uma das grandes quadras da historia da humanidade. Nós, que viemos depois, pouco temos que fazer, aperfeiçoar um processo, deitar um remendo n'uma instituição, corrigir um defeito, reparar um esquecimento. Nada mais! É necessario que nos resignemos a perceber-o.

A historia litteraria foi um dos ramos dos conhecimentos humanos que sofferam uma transformação completa. Se queremos avaliar bem a importancia da mudança, comparemos o *Lyceum* de La Harpe, a expressão mais perfeita da critica litteraria no seculo XVIII, com o *Curso de litteratura* de Villemain e este livro com o *Historia da litteratura ingleza* de Taine. Entre os dois primeiros livros ha um abismo, uma revolução, entre o segundo e o terceiro ha apenas uma evolução. Sem daviada o processo de Taine é já mais perfeito, o novo escriptor attende mais a uns elementos de apreciação que Villemain deixa na sombra, a influencia do meio, a influencia da raça; mas o ponto de vista, o systema são os mesmos.

Em Portugal foi este ramo talvez um dos mais descurados pela nova geração litteraria. Em plena revo-

lução ainda appareceram sectarios de La Harpe a estudar a litteratura nacional de baixo de um ponto de vista estreitissimo. Recentemente um escriptor, cujo talento não contesto, procurou applicar a historia litteraria de Portugal os methodos da sciencia moderna.

Não quero fazer d'este artigo um artigo de polemica, por isso não digo da *Historia da litteratura portugueza* do sr. Theophilo Braga todo o mal que d'ella penso, mas não me permite a minha consciencia occultar a convicção que tenho de que este livro terá de ser, pura e simplesmente, expungido dos annos litterarios de Portugal, como não podendo dar outro resultado senão o de fazer perder tempo aos estudiosos, ou de falsear completamente as idéas de quem quizer estudar, de baixo de um ponto de vista moderno, a formação da nossa litteratura.

Eliminada pois esta tentativa perfeitamente infeliz, e que só deixa no espirito uma impressão dolorosa, achamo-nos face a face exclusivamente com os eruditos fradescos, que em Portugal prolongaram o seu dominio até nos nossos tempos. Houve um homem comtudo que poderia ter estudado com seriedade a litteratura portugueza. Esse homem cobre-o hoje a campã. Era José Gomes Monteiro.

Quem lê as paginas da sua *Carta a Thomaz Northon* acerca da situação da ilha dos Amores, percebe que estava ali um espirito serio, seriamente educado e apto para esse trabalho. Infelizmente alguns fragmentos de historia litteraria da nossa paiz, que chegou a confiar ao papel, não os quiz confiar ao prelo, e do seu bello estudo sobre o *Amadis de Gaula* apenas tem conhecimento, e conhecimento superficial, alguns raros amigos do eminente escriptor. Sepultou-se em voluntaria obscuridade aquelle talento, que tanto luz podia derramar.

Tendo nascido no Porto a 2 de março de 1807, José Gomes Monteiro cursava na Universidade de Coimbra a faculdade de direito quando os acontecimentos politicos de 1828 o obrigaram a emigrar para Inglaterra, de Londres passou a Hamburgo, onde se estabeleceu como socio da casa mercantil Santos & Monteiro, mas aproveitava os seus ocios para, em colaboração com José Victorino Barreto Feio, publicar duas excellentes edições das obras de Gil Vicente e das de Camões. Recolheu a patria depois de 1835, aqui publicou os seus *Echos da Lyra Teutonica*, traducções em verso de poesias allemãs, e a *Carta a Thomaz Northon* a que alludimos acima. Depois, nada mais até que nos ultimos annos da sua vida escreveu um livro admiravel de que logo fallaremos rapidamente.

Tendo tomado a direcção da livraria da viuva Moré, dedicou-se ao improprio mister de editor, e principiou essa optima collecção de livros portuguezes, que tomou o nome de *Bibliotheca Moré* e em que figuram livros dos nossos primeiros escriptores.

Foi n'esse tempo que o conheci e guardo da conveniência, que tive com elle, a mais grata e a mais saudosa recordação.

José Gomes Monteiro realisava perfeitamente o ideal do editor. Não sacrificava nunca ás suas proclieções os interesses da casa que geria, mas avaliava os manuscritos que se lhe offerciam por inspecção propria, e procurava intrepidamente o talento, embora o encontrasse despoído da protecção de um nome já illustre. Quem, senão elle, editaria o primeiro livro do sr. Theophilo Braga? quem usaria emprehender a publicação de *Morte de D. João* de Guerra Junqueiro?

Parece-me está-o a ver na livraria Moré, recebendo com um sorriso affavel, ás vezes apenas um pouco ironico, as confidencias dos poetas novos, presidiindo ás magnas questões litterarias que alli se travavam, e escutando com serenidade os programmas vermelhos que se soltavam ás vezes ao vento da praça de D. Pedro ou da rua dos Clerigos. José Gomes Monteiro, e era essa a sua grande superioridade, tinha um bom senso supremo, e o espirito aberto a todos os progressos e a todas as innovações litterarias. Ria-se dos desenhos da escola nova, sem desconhecer os elementos de verdade e a seiva de progresso que referiam nos livros da juventude universitaria. Percebia perfeitamente o errado caminho por onde Guerra Junqueiro conduzia na *Morte de D. João* a sua musa, mas editava o livro e saudava com verdadeiro enthusiasmo a revelação d'aquelle grande, d'aquelle formosissimo talento. Entré nós effectivamente eram raros os homens como José Gomes Monteiro, porque eram raros os que tinham aberto os olhos á luz da moderna sciencia litteraria, a tempo de poder apreciar quanto estavam atrasados uns e como andavam desorientados os outros. Quando se travou a celebre lucta, que teve por campo de batalha um insignificante livro que eu escrevi nos 20 annos, acharam-se face a face estranhos contendores — uns que tinham adormecido ao meigo som das frutas bucolicas da Arcadia, outros que tinham acompanhado a bandeira da demagogia litteraria. José Gomes Monteiro, sentado

A la porta del cheto abituro

contemplava sorrindo o combate.

Elle era, devia ser o verdadeiro mestre da nova geração

litteraria, logo que Alexandre Herculano se arredara havia muito da litteratura militante. A nova escola faltou, falta ainda muito a tradição, a disciplina. Na nossa sciencia litteraria houvera uma solução de continuidade, que não se pôde preencher. Saltara-se de Costa e Silva e Innocencio para o sr. Theophilo Braga. Faltaram-nos portanto as grandes obras serias que imprimiram lá fora o cunho e a direcção ao movimento historico-litterario d'este seculo. Era José Gomes Monteiro quem podia preencher a lacuna. O que não fizera com a obra, podia fazel-o com o conselho; mas os jovens litteratos, cegos de vaidade, não olhavam já a conselhos de ninguém. D'ali resultou a torrente de di-parates que inunda hoje a nossa litteratura. Os moços de talento, que por ali ha, vêem confusamente a verdade, procuram caminhar para ella através do labyrintho, fallat-lhes porém o fio da tradição ininterrupta, e perdem-se n'uma confusão inextricavel de theorias phantasticas, de idéas falsas, de apreciações erradas, que transformam perfeitamente n'um chaos indiguo de ser tomado a serio o nosso moderno microcosmo litterario.

Um dia só Gomes Monteiro resolveu mostrar aos jovens pedantes o que era critica seria. Foi quando a traducção do *Fausto*, feita pelo visconde de Castilho e editada pela casa Moré, foi atacada virulentamente por dois moços escriptores. Não queremos reacender pejejas lindas, mas é incontestavel que esse livro intitulado os *Criticos do Fausto*, era um verdadeiro primor. Escripto n'um estylo rapido e ligero, modelo de analyse seria e impiacavel, e de erudição sagaz e solida, revelava n'um relampago o que era e o que valia aquella fina espada, que dormia ha tanto tempo na bainha, pendurada tranquillamente das paredes da livraria Moré. Depois, Gomes Monteiro voltou á sua placidez habitual, ao tranquillo *casaco* da casa Moré, ao sereno estudo da sua completissima *Canoniana*, na optima bibliotheca particular que possuia.

Homens assim, quando dessem á campã, deixam um vacuo profundo, porque, modestos sempre e indifferentes ás seduções da gloria, não fixaram a posteridade confidante do seu pensamento. Os echos da casa Moré não guardaram a palavra luminosa de Gomes Monteiro, e não houve phonographo que retivesse nos seus mysterios recessos a conversação instructiva e amavel de Gomes Monteiro. Ah! se nós não fossemos o poyo mais descuidado da terra, que preciosos volumes de cartas não poderiam revelar aos nossos filios o que era o talento do auctor da *Lyra Teutonica*? A carta era o seu triumpho, e não conheço ninguém que a soubesse escrever tão primorosas.

Castilho escrevia cartas admiraveis, mas escrevia um pouco para o publico, arredondava primorosamente a phrase, fazia epistola e estragava muitas vezes perolas ciceronianas com uns Atticos de contrabando, que lhe mandavam livros que não vallam a estampilha da carta de agradecimento. Gomes Monteiro não... esse fazia da carta perfeitamente a conversação escripta. A pena corria-lhe rapidamente no papel, traçando uns hieroglyphos elegantes, que constituam muitas vezes verdadeiros primores de espontaneidade. Que excellentes apreciações litterarias se encontravam em algumas cartas do eminente pensador que desceu agora ao tumulo! que thesouros de estylo familiar! que preciosos e desaffectedos conceitos!

Nunca se publicará provavelmente a correspondencia de Gomes Monteiro! Nós não temos esse culto dos homens illustres, que está sendo hoje uma das religiões do mundo moderno, ou antes temos o desdem estulto dos nossos homens illustres. Tomamos a tal ponto as modas francezas, que até nos costumamos já a desprezar Portugal. Ainda nós nos chegamos a convencer de que temos sangue de preto nas veias, como afirma o grande geographo Eliseo Reclus, ou que somos pelle-vermelhas, como assevera não sei já que outro sabio estrangeiro! Por isso nós que mandamos vir de França pelos livreiros a Correspondencia de Victor Jacquemont ou a de Mauricio de Guérin, que só pelas suas cartas são celebres, havemos de achar singularissima a idéa de se publicarem as cartas particulares de Gomes Monteiro! Pois creiam que perdemos com isso um dos livros mais excellentes do nosso tempo, livro que seria o duplo reflexo de um grande espirito e de um nobilissimo coração.

Porque Gomes Monteiro era um homem de affeições profundas. Peccava por esse «subjectivismo». Na doce convivencia de sua filha que estremeia via com serenidade inclinar-se para o occidente o sol da sua vida. Amava as creanças como as amam todos os que são simples e bons, e, nos suaves prazeres da familia, e no trato de alguns amigos esquecia facilmente as pugnas e os dislates do nosso mundo litterario. Já o dissemos n'outro lugar: Havia muito que elle presentia a morte, e, longe de a temer, não receiava ir elle mesmo ao cemiterio como que acostumar-se anticipadamente ao perfume das violetas d'esse melancholico cemiterio de Agramonte, onde foi provavelmente dormir o seu eterno somno. A declinação da sua saúde era rapida, mas o seu espirito, pelo menos até ao ultimo dia em que o encontramos, conservava a sua luz serena e viva. Não se separava do mundo com grandes dilaceramentos; se elle costumara-se sempre a des-

denhal-o! Nunca o seduziu a gloria, e, como dizia meu pai que era um homem d'essa raça tambem, preferia sentar-se á beira da estrada do Capitolio ensinando aos outros o caminho. E n'esse *Quinho* não se respirarão ares menos oxygenados, como na torre do *Dr. Oz* de Julio Verne, a meio caminho da plataforma? Parece que sim; porque Gomes Monteiro recebia ás vezes uma pedrada d'aquelles a quem mostrava o glorioso templo, e cujo espirito ia respirando de certo na subida os gazes deletorios.

Essas ingratições não reconciliavam de certo Gomes Monteiro com o mundo. Demais o que é a gloria portugueza? a notoriedade n'uma abiceia, o applauso, que se não ouve, de um cento de desconhecidos, e a maledicencia, que se ouve perfeitamente, de amigos e collegas, e a indifferença de todos os que moram para além de Badajoz. O que o prendia á existencia? O amor a sua filha; mas n'esse cemiterio de largos horizontes, onde a relva se perfuma á sombra dos cyrestes com as violetas emboscadas, dormiam tambem entes queridos, ao lado dos quaes seria doce repousar em noites de luar silencioso. E elle que preferia a todas as vaidades do mundo a vida intima do coração e do espirito, a conversação com os seus e a conversação com os livros, entrou serenamente, com a placidez de um justo, e com a tranquilla curiosidade de quem vai sondar um grande problema, ou na intimidade dos grandes espiritos do passado, ou na intimidade pura e simples das raizes das arvores, ou no seio de Deus, ou no seio da terra preta, que um e outro são em todo o caso preferiveis ao seio da patria dos «criticos do Fausto».

PINHEIRO CHAGAS.

JOÃO PEDRO MONTEIRO

O homem que na terra usou d'este nome, e cujo retrato se publica hoje, dorme ha muito o somno dos justos á sombra dos cyrestes, n'essa melancholica paisagem dos mortos, como lhe chamou um grande escriptor. Não foi sabio profundo, nem poeta eminente, nem estadista notavel, nem agitador de povos, nem Creso toco e presumpçoso, d'esses que julgam que o ouro é o fim e a ultima palavra da civilização, e que cuidam esconder a genealogia sertaneja, a ignorancia fatal, o orgulho imbecil de baixo do esplendor da commenda ou das tantejoulas da libre aristocratica, comprada á ultima hora na feira das vaidades, com o ouro ganho muitas vezes em trafficos dardidosos. João Pedro Monteiro foi, na genuina accepção da palavra, um artista distinctissimo, um homem de coração e de talento, que, tanto pelo seu caracter e pela sua vida honesta e laboriosa, como pelo seu raro merecimento, conquistou a estima e a consideração de todos os que o conheceram, e que ainda hoje lamentam a sua morte como uma verdadeira perda para a arte portugueza.

Nascido no seio d'uma familia que parecia votada á arte e á morte, — que ceifou com mão larga e despidosa n'aquella casa, onde se lhe offercia abundante ceira de vidas —, o que havia de ser tão notavel artista viu a luz ao raiar d'aurora, ás 6 horas da manhã do dia 4 de dezembro de 1826, na casa de seu pae, proprietario d'uma grande officina industrial na rua Nova do Almada, d'esta cidade. João Pedro, baptisado na igreja dos Martyres em janeiro seguinte, foi o terceiro dos treze filios de Sabino Estanislau Monteiro e de D. Anna Gertrudes da Conceição.

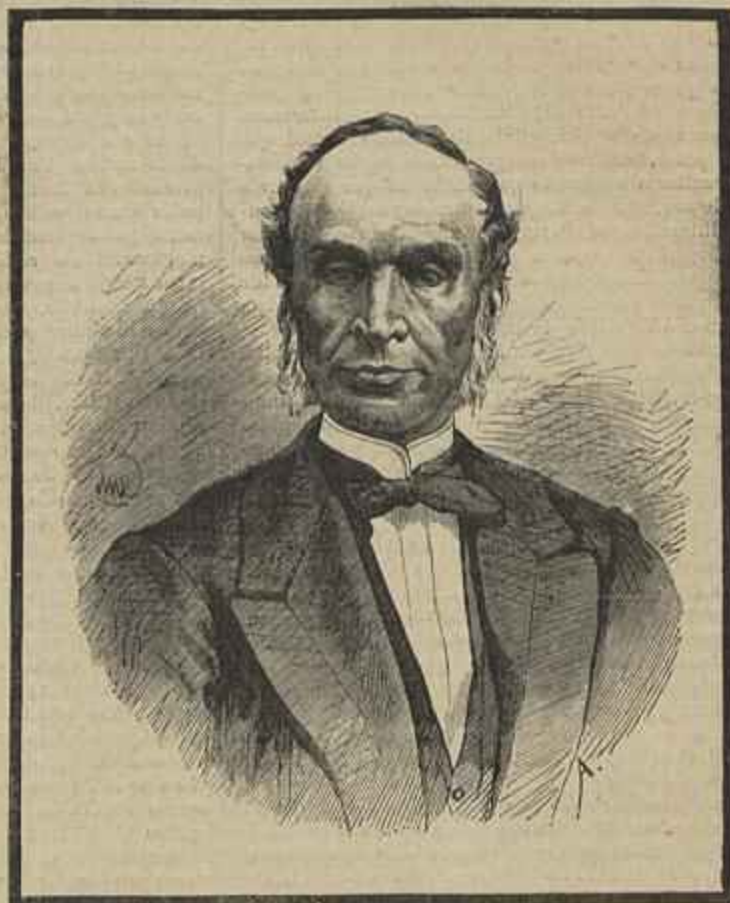
Arrastado por uma vocação irresistivel para a carreira das artes, João Pedro matriculou-se como alumno ordinario na aula de desenho historico da Academia das Bellas Artes de Lisboa, em 29 de setembro de 1837. Tinha, portanto, onze annos incompletos, era ainda uma creança; mas o que elle já valia como talento e applicação disse-lho, no fim de cada um dos quatro annos d'esse curso, o corpo docente d'aquelle estabelecimento que lhe conferiu sempre o 1.º premio pecuniario da aula de desenho, que era então de 308000 reis. Distincto já por esta forma entre os seus companheiros de estudo, o joven artista passou a frequentar as aulas de pintura e architectura, e ali não desmereceu do alto conceito em que era tido, tanto pelos seus professores como pelos seus condiscipulos, em cujo numero se contavam mancebos de grande talento artistico, como eram: Annunciação, Masoni, o nosso distincto gravador de cunhos da casa da moeda Frederico Augusto de Campos, um dos mais intimos amigos de Monteiro, Leonel, Antonio Thomaz da Fonseca, Joaquim Pedro de Sousa, Francisco Meiras, que comquanto naturalmente emulos do moço artista, eram juizes imparciaes do seu elevado merito e raras qualidades.

Dedicando-se mais especialmente ao estudo da architectura, foi um dos alumnos da Academia, que entraram no concurso triennal que alli costuma haver, e n'esse novo certamen alcançou tambem o primeiro premio; a Academia concedeu-lhe a maior das suas distincções — a medalha d'ouro — em vista dos trabalhos architectonicos que João Pedro apresentou.



MANUEL BORGES CARNEIRO

(Segundo um retrato da época, desenhado por D. A. Sequeira.)



JOSÉ GOMES MONTEIRO — Fallecido em 12 de julho de 1870

(Segundo uma photographia de M. Novais)

Concluidos assim brilhantemente os seus estudos artisticos n'aquelle instituto, a ancia natural de saber e a necessidade de dar mais solidas bases aos seus conhecimentos, levou-o a matricular-se no primeiro anno mathematico da Escola Polytechnica e nas aulas de physica e chimica d'aquelle estabelecimento; contribuindo tambem para esta nova direcção, que elle dava aos seus estudos, o desejo que tinha de concorrer ao lugar de professor de desenho, que se achava então vago na escola, e que por ter um caracter scientifico exigia conhecimentos especiaes.

N'esta nova empreza foi Monteiro igualmente bem succedido. O concurso foi brillantissimo: dil-o o testemunho dos seus companheiros e amigos, que o eram todos, e, especialmente, uma nota manuscrita que tenho á vista, devida ao sr. Frederico Augusto de Campos, a qual, conjunctamente com o retrato e outros apontamentos e informações, — colligidas com muita difficuldade por um distincto e illustrado amator das bellas artes, o sr. José Gregorio da Silva Barbosa, — nos forneceu os dados para se publicar a presente noticia biographica. Os professores da escola, que contava então, como hoje conta, no seu corpo cathedratico, homens de grande auctoridade no nosso mundo scientifico, terminado o concurso, abraçaram em publico o talentoso concorrente. João Pedro Monteiro maravilhara a todos pela facilidade e clareza da exposição, pela rapidez com que respondia, pelas qualidades de artista, e pelos dotes d'alta razão que manifestara com uma serenidade tal, que deixou atto-



CINTRA — ENTRADA DO PARQUE DO PALACIO DA PENNA

(Desenho inédito de Gonçalves Pereira, segundo uma photographia)

ntos os seus amigos, que conheciam o viver intimo do artista, as dôres que cruciavam aquella nobilissima alma, e a importancia capital que para elle tinha o bom ou mau exito d'aquelle tentativa! O resultado foi o que era de esperar, em vista das provas dadas, e o nosso artista foi nomeado professor substituto de desenho, e, tempo depois, provido na propriedade da cadeira, e encarregado, na qualidade de architecto, de dirigir as obras do edificio em que a escola já então funcionava.

Em 1852 abriu-se concurso para dois lugares de desenhador no Archivo Militar addido ao corpo de engenheiros.

Monteiro pensou logo em concorrer a um d'esses empregos, que elle podia accumular com o que já exercia na Escola Polytechnica. Havia, porém, uma difficuldade grave, — o nosso artista ignorava completamente a especialidade do desenho topographico; mas venceu-a como vencera todas até alli, á força de trabalho, de vigílias e de talento. Mandou vir de França o melhor tratado de topographia que então havia, estudou-o só, sem mestre, sem auxilio estranho, e, chegado o momento do concurso, Monteiro foi classificado em primeiro lugar e despachado 2.º desenhador do Archivo, porém, aggravando-se-lhe os padecimentos, não chegou a tomar posse d'este lugar, e falleceu em Lisboa na mesma casa onde nascera, em quinta feira santa, 24 de março de 1853, tendo apenas 26 annos!

O pae do infeliz não pode resistir a tantos golpes, e enlouqueceu.

(Continúa.)

ZACHARIAS D'ÁGA.

MANUEL BORGES CARNEIRO

I

1774-1870

Honra-se um povo quando cerca das suas homenagens o cidadão benemerito, que serve a sua causa com entranhada dedicação e desinteresse; mas ainda mais se nobilita quando presta o culto do seu respeito e gratidão ao cidadão que, trabalhando por elle e para elle com profundo saber, com vasta intelligencia, com provada abnegação soffreu os azares da desgraça e esgotou o calix da provação antes de ver convertida em facto a idéa pela qual pugnára.

O que acaba de dar-se com os restos mortaes do grande cidadão e jurisconsulto, prova isto. A camara municipal de Lisboa indo buscá-los ao sítio, onde se achavam quasi esquecidos, para lhe dar honrosa sepultura, praticou um acto dignissimo. Embora a manifestação fosse modesta, embora a maioria dos cidadãos não comprehendesse a significação d'este facto, bastou que o primeiro municipio do paiz n'elle tomasse a iniciativa, para que se propaguem entre as classes menos illustradas estas idéas,



JOAO PEDRO MONTEIRO

que são um dos capitulos do evangelho social.

Chamou-se no mundo o homem, cujos restos hontem vimos encerrados em pequena urna, Manuel Borges Carneiro, e foi este nome para os seus contemporaneos o synonymo da honra, do desinteresse e da virtude.

Nasceu este homem notavel na freguezia de Rezende, comarca de Lamego, a 2 de novembro de 1774, sendo filho do bacharel José Borges Botelho e de sua mulher D. Joanna Thomazia de Mello, neto paterno de Manuel Borges Botelho e de sua mulher Roza Botelho, e materno de Antonio Carneiro e Thereza Cardoso, todos d'aquella freguezia, menos esta ultima, que era de S. Martinho de Mouros. Recebeu de seu pae educação esmerada e conducente á vida das letras, a que era destinado, e com quanto não sabemos onde, nem com quem estudou, conhece-se que foi boa e solida a sua iniciação litteraria. Preparado com a necessaria instrucção secundaria, matriculou-se na Universidade de Coimbra, segundo os seus biographos, em 1791, no curso juridico. Dizem todos os



CABO VERDE — PALACIO DO GOVERNO NA ILHA DE S. VICENTE (segundo uma photographia)



que tem fallado d'este grande homem que se graduára em leis, o que não é exacto; e se é verdade que n'este curso se matriculára, mudou de faculdade, pois a sua formatura foi em 1800 e na faculdade de canones, como consta da sua habilitação perante o desembargo do paço (*Arch. nar. da Torre do Tombo*). Habilitado com a leitura n'este tribunal, segundo a praxe do tempo, entrou na carreira da magistratura, sendo nomeado juiz de fora de Vianna do Alentejo por *Dec. de 13 de maio*, e *Provis. de 14 de junho de 1803*, para servir por tres annos. Reconduzido por outros tres com o predicamento de cabeça de comarca, *Dec. de 13 de maio e 25 de out. de 1805* e *Prov. de 24 de março de 1806*.

Este cargo não proporcionava ao joven magistrado meios sufficientes para a sua sustentação, principalmente comparando-se os proventos d'elle, com os dos seus collegas dos julgados mais proximos, pelo que se viu obrigado a requerer ao poder regio, que deu provimento á parte do seu recurso, elevando-lhe apenas a aposentadoria a 408000 réis (era de metade) *Provis. de 21 de out. de 1806*. Alguns juizes seguiam processo mais summario, vexando os povos que deviam administrar e proteger; Borges Carneiro, porém, não conhecia senão o *suum cuique*.

Achava-se n'esta situação quando os exercitos de Napoleão I invadiram Portugal e se organisou em Lisboa a regencia presidida por Junot. Resistindo ás prescrições despoticas, impostas pelo general Kelemann, delegado d'aquelle no Alentejo, entrou em uma conspiração, promovida n'aquella provincia, contra os invasores, pelo que foi mandado prender por este general, e recolher ao carcere do convento de S. Francisco de Beja. Era o baptismo politico do denodado patriota. Ali compoz um pequeno opusculo, que foi publicado parece que em 1808, na imprensa regia, com o titulo de *Pensamentos... trasladados de varios pedaços de papel onde foram escriptos com carvão, em agosto de 1808*. São em verso, e se não se recommendam pela forma, o assumpto é cordato.

Por provisão de 30 de maio de 1812 foi-lhe mandada dar posse do lugar de Provedor de Leiria, independente da carta que devia apresentar dentro de dois mezes depois de chegada do Brazil.

A actividade do seu espirito que não conhecia peas, não podia lmitar-se só ao trabalho da provedoria, e no decurso do seu emprego foi collegindo as materias para a obra que publicou em 1816, intitulada — *Extracto das leis, avisos, provisões, assentos e editaes publicados nas cortes de Lisboa e Rio de Janeiro desde... 1807 até julho de 1816*, 4.º de 182 paginas; e algum tempo depois, mas no mesmo anno, um *Appendice ao Extracto*, etc., de 35 paginas.

Esta obra era tanto mais necessaria quanto a duplicação dos governos de Lisboa e do Rio de Janeiro, tornava muito difficil aos magistrados e demais auctoridades o conhecimento dos documentos officiaes relativos ao regimen da administração publica, proporcionando pois, com ella, um prestantissimo subsidio, ainda hoje consultado com proveito.

Pela real resolução de 14 de novembro de 1817 foi approvada a nomeação que a *Junta do cod. penal milit.* fizera de Borges Carneiro para seu secretario; e por *Prov. de 12 de junho de 1818*, fundada no *Decr. de 5 de dez. de 1817*, se lhe fez mercê, por ter acabado de servir o lugar de provedor de Leiria, do predicamento do primeiro banco que lhe estava a caber.

Como nem todos entendem hoje esta classificação, diremos que era o grau ou classe relativa aos magistrados das cidades e villas, cujos procuradores tinham assento no primeiro banco nas côrtes do antigo systema, e eram as seguintes: Porto, Evora, Coimbra, Lisboa, Santarem e Elvas; correspondendo naturalmente aos juizes hoje de primeira classe.

A reputação de magistrado sabedor, de caracter irreprehensivel allava-se n'elle ao desinteresse, modestia, simplicidade de costumes e nenhuma vaidade. Dedicava ao serviço da nação todos os seus momentos, já no tribunal

como juiz, já na secretaria como redactor claro e conciso, já nos livros que publicava, fructo do estudo indefesso, da vasta comprehensão e attilado exame. Assim n'este intervallo foi continuando, aperfeiçoando e ampliando a sua obra referida, e publicou:

Additamento geral das leis, resoluções, avisos, etc., desde 1603 até ao presente; 1817, 4.º de 290 pag.

Segundo additamento geral das leis... desde 1603 até 1817; 1817, 4.º de 238 pag.

Mappa chronologica das leis e mais disposições de direito portuguez publicadas desde 1603 até 1817; 1818, 4.º de 831-96 pag.

O trabalho incessante e as publicações successivas, todas tendentes á diffusão do conhecimento da legislação e como estudo subsidiario para a *Junta do cod. penal milit.*, fizeram com que esta tendo attenção aos elevados dotes do seu secretario, representasse a seu respeito a D. João VI, o qual tomando em consideração o que ella lhe representara em *Consulta de 4 de fevereiro sobre a exacção, intelligencia e actividade com que M. Borges Carneiro tinha desempenhado o seu emprego*, houve por bem fazer-lhe mercê de um *logar supranumerario de Desembargador da Relação e Casa do Porto, com posse e vencimento de ordenado, sem prejuizo da antiguidade dos que a tiverem maior*, isto por *Decr. de 19 de maio de 1820*.

N'este mesmo anno e como precursor do trabalho latente da libertação da patria, que se agitava no seio dos mais nobres dos seus filhos, acabava a publicação do:

Resumo chronologico das leis mais uteis no foro e uso da vida civil, etc., 3 vol., 1818 a 1820.

Para se desenfadar d'essas lides severas da legislação, descia como que a conversar com a infancia, imprimindo a seguinte obra de vulgarisação:

Grammatica, orthographia e arithmetica portuguez, ou arte de fallar, escrever e contar, 1820, 8.º de 425 pag.

No meio d'estas locubrações e encargos o veiu encontrar a revolução pacifica, proclamada no Porto a 24 d'agosto de 1820, que libertando a patria, dos vicios e erros de um systema obsoleto, e do despotismo militar de um estrangeiro, aliás illustre, havia de patentear ao mundo uma galeria de homens notaveis, que imprimiram com a alavanca da sua intelligencia um impulso tal á nação, que, apesar de adormecido e sopitado por um momento, não poude deixar de proseguir, activar-se, e progredir, até attingir a metta desejada, alguns annos mais tarde. O grande apostolo porém, não devia assistir á consolidação da sua obra.

(Continua.)

BRITO REBELLO.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTA LATERAL DO CONVENTO DE LEÇA DO BAILIO

Leça do Bailio é uma pequena villa situada a 6 kilometros e meio ao norte do Porto, notavel, especialmente, pelo mosteiro de que a nossa gravura representa a porta lateral, a liando-se a este monumento ligadas muitas recordações historicas.

Não se póde precisar bem a data da fundação d'esto mosteiro venerando, é enretanto certo que já existia no seculo x, limitando-se então a uma pequenina egreja e a um convento de monges e freires da ordem de S. Bento.

No seculo xi foi reedificada a egreja, e outras modificações foi successivamente soffrendo, conservando todavia a sua forma primitiva até ao seculo xiv, em que o bailio D. fr. Estevam Vasques Pimentel resolveu construir novo templo, no estylo gothico, e a par do templo uma alta e grande torre com todas as condições da arte da guerra, para defeza dos freires e do mosteiro.

A architectura como ainda hoje o attestam muitos monumentos da epoca, não raro apresentava então este caracter meio guerreiro e meio religioso.

Foi no templo de Leça que o aventureiro D. Fernando I, casou, em 1369, com D. Leonor Telles, receto-o de effectuar este consorcio na capital ou no Porto, pelo desgosto com que o povo das duas cidades via a ligação do rei com uma mulher que pertencia a outro.

Na egreja de Leça existem varias antiguidades de bastante merecimento historico e archeologico, entre

as quaes uma soberba pia baptisagal mandada fazer em 1512.

Tambem ali se encontram os tumulos de varios bailios.

Em suma; é um templo de formosa architectura, vasto e magestoso. Não já assim o mosteiro que lhe fica contiguo e com o qual formou-se avia unidamente, em virtude das antigas exigencias carateristicas, por cima do telhado, subindo-se por uma das escadas da torre.

A nossa gravura, reproduzindo a porta lateral do venerando templo, tem ao mesmo tempo um certo caracter local. Lá vemos um d'aquelles carros tão conhecidos de todos os que têm vivido, ou visitado aquelles formosas e amenas arredores. Ha inegavelmente no pequeno quadro um toque de singella poesia que não póde deixar de ser comprehendida por muitos dos nossos leitores.

Successivamente demos dando outros detalhes d'esta soberba construção, cumprindo assim o nosso programma de imprimir a esta publicação um caracter puramente nacional, archivando a pouco e pouco nas paginas do OCCIDENTE todas as memorias que nos restam do passado, a par de tudo o que attesta a nossa actividade moderna.

PALACIO DA PENA EM CINTRA. ENTRADA DO PARQUE

Cintra com todas as suas bellezas naturaes e artisticas, está de tal forma cantada e descripta, em todos os tons e com todas as côres, desde o que ha de mais sublime na poesia, até ao que ha de mais banal na rhetorica, que já agora dispensamos-nos de escrever duas ou tres columnas a proposito da pequena gravura que hoje figura nas paginas do OCCIDENTE.

Representa ella a entrada do magnifico parque do palacio da Pena, de sua magestade o sr. D. Fernando. Verdadeiramente a Pena não é hoje um palacio, é mais do que isso, é uma flagrana de pedra collocada no alto d'uma montanha; é uma mansão phantastica, que topa com as nuvens, e que parece mais a visão d'um sonho do que uma eracção humana. Póde rivalisar com o que ha de melhor do seu genero em toda a Europa ou mesmo em todo o mundo.

O parque e o palacio da Pena, filhados bom gosto de el-rei D. Fernando, podem reputar-se os mais notaveis curiosidades do paiz. Nenhum forasteiro que por ventura passe por este canto do mundo deixa de os visitar, e de admirar portanto aquella maravilha encantadora, tanto pelo que é em si, como pelo arrebatador panorama que em volta se desenrola.

O estylo do portico da entrada condiz com o do resto do edificio, e por aqui se podera ajuizar um pouco do encanto de tão formosa vivenda.

PALACIO DO GOVERNO DE S. VICENTE

(CABO VERDE)

As nossas colonias até hoje desgraçadamente deixadas ao abandono, principiam a ser olhadas com mais attenção pela metropole que, em fim, parece convencer-se da indignidade de deixar extinguir, com os seus mais incontestaveis titulos de gloria, as fontes mais inexauriveis de riqueza publica, os mananciaes d'onde com bem calculado e perseverante esforço podemos tirar elementos de vida e de prosperidade que nos assignalem ainda um risonho futuro no confivio das nações.

Neste sentido muitas obras têm sido ultimamente emprehendas nas nossas possessões d'além-mar, achando-se votadas somas valiosas para iniciar e levar muitas outras a cabo, nas possessões transatlanticas.

Entre essas obras figura a casa ou palacio do governo em S. Vicente. Verdade verdade, não se póde dizer que este edificio mereça tão pomposo nome; é todavia certo que, em face das povoações de *cubatas*, em que impera, póde dizer-se quasi uma habitação magnificante, se bem que não pareça extremamente adequada ao clima do paiz. N'este ponto, as nossas obras colonias não tem até hoje sido dirigidas com um criterio digno de grandes louvores.

O palacio do governo de S. Vicente,ahi o tem pois o leitor. Entre nós seria apenas considerado como uma modesta habitação de praia, ou dos suburbios, entretanto na região em que foi construido, será talvez olhado pelos indigenas como a primeira maravilha do mundo — pela razão d'elles não conhecerem a segunda.

VIAGEM ATRAVÉS D'AFRICA AUSTRAL

PELO

MAJOR SERPA PINTO

O EXPLORADOR E A EXPLORAÇÃO

V

Continuaremos por ora a dar aos leitores as opiniões e os quadros que o major Serpa Pinto tem fornecido até hoje da sua viagem.

Resumimos já o que se referia á hydrographia da Africa austral e o que dizia respeito ás raças que a habitam, aos seus costumes, ás aptidões mais características das terras.

E' inútil pôr em relevo o que os leitores tem visto claramente: isto é, que não somos nós quem até este momento, para assim dizer, tem fallado, mas sim o explorador.

O traçado do mappa publicado representa inteiramente as opiniões do major Serpa Pinto sobre as aguas da Africa austral e os artigos precedentes são formados, incorrectamente sem duvida, com o que das conferencias feitas em Lisboa constou, e ainda com o que de conversações particulares do viajante se pôde saber.

O que o publico tem interesse maximo em conhecer n'este momento, não é com effeito a opinião que nós e os jornalistas de Lisboa formamos do sul da Africa, mas quaes são as idéas, as convicções, as impressões mesmo que d'alli trouxe, após uma aventureira e extraordinaria viagem, o major Serpa Pinto.

E' possível que eu diga depois sobre o assumpto a minha opinião individual e que eu faça sobre o conhecido da exploração, — quando o julgar cabalmente conhecido, — a minha critica de resto desautorisadissima; affigura-se-me, porém, inteiramente secundaria esta parte, e estou certo que para o publico ella é de minima importancia.

O livro que o major Serpa Pinto deve publicar da sua viagem, terá para toda a gente um interesse derivado de duas origens:

A primeira é a que se compuzer da parte mais especialmente scientifica, — da determinação exacta dos logares, da direcção dos rios, do relevo das terras, das relações das bacias hydrographicas, da natureza dos solos, das especies de plantas, das especies notaveis de animaes, das feições, dos costumes, da vida das raças indigenas. A outra, pessoal, viva, dramatica, interessante como um romance, commovedora, com os seus perigos, as suas incertezas, as suas luctas, será a parte aventureira, episodica da viagem.

Sob este ultimo ponto de vista as narrações do viajante tem até este momento sido, deve confessar-se, pobrissimas. E' por que a modestia do explorador tem sido, talvez, a unica coisa que n'elle se tem mostrado superior á sua audacia e á sua coragem.

O livro que elle vai publicar, e que deve ser a reprodução do que dia a dia elle contava nos seus volumes manuscritos, será, podemos já affiançal-o, dos mais interessantes, e, para que assim o digamos, dos mais românticos do genero.

Nós não teriamos pela nossa parte sido, como o major Serpa Pinto até hoje, tão reservados. Ha, com effeito, em assumpto d'esta ordem, um grande ridiculo a temer. Mas esse pertence inteiro aos que imaginam que a Africa austral se pôde atravessar sem risco, sem combates, sem aventuras terriveis, sem se tornar quem a atravessa, por esse facto, o heroe de uma epopeia extraordinaria.

Este capitulo da nossa narração será, pois, destinado a contar alguns dos episodios da viagem, já agora celebre, do major Serpa Pinto.

No Bihé o viajante foi atacado por uma febre rheumatismal intensissima. As dores eram cruéis, o delirio tirava-lhe por dias a consciencia, a ponto de Serpa Pinto pensar depois se teria tido uma inflammação cerebral.

Já estavam então com Serpa Pinto quasi todos os negros que chegaram depois a Lisboa com elle. Um, Verissimo, filho de branco, filho de um sr. Gonçalves de que falla o commandante Cameron, foi o seu medico. Consistiram, porém, os cuidados, em sangrias, em sanguesugas com que lhe fizeram perder uma enorme quantidade de sangue.

Quando Serpa Pinto recuperando a consciencia, se achou enfraquecido, exaustão por uma profunda anemia, a primeira coisa que lhe feriu a attenção foi a grande quantidade de chavelhos que lhe haviam posto sobre o corpo. Esses chavelhos eram considerados pelos ne-

gros como feitiços de grande virtude: A elles foi attribuida a cura do *homem branco*.

Fraco, ainda de vez em quando atacado pela febre, e ainda soffrendo, a espaços, fortes dores, todos duvidavam que Serpa Pinto, podesse mesmo chegar, retrocedendo, a Benguella. E, quando elle fallava em atravessar a Africa até ao mar das Indias, os negros e os seus companheiros brancos, que então ainda se achavam no Bihé, olhavam-n'o com commiserção suppondo-o presa do delirio.

Foi todavia, n'este estado de saude, e quasi absolutamente privado de recursos, que Serpa Pinto começou a organizar a sua expedição de travessia.

«Se na minha viagem, disse o explorador no salão da Trindade, ha alguma coisa de que eu possa ter vaidade é de haver conseguido sair do Bihé.»

Com effeito, ainda deitado e sem quasi poder sustentar-se de pé, Serpa Pinto mandava procurar espingardas pelos arredores. Cameron deixara ao passar a maior parte das espingardas Sneyders da sua gente. Os negros não sabiam usar d'ellas por não terem cartuchos apropriados, e foram-n'as vendendo a Serpa Pinto a pouco e pouco, cada uma a preço de uma porção de fazenda que não excedia o valor de um tostão.

Ao canto do quarto, que Serpa Pinto ainda doente occupava, iam-se assim gradualmente juntando as espingardas encontradas.

A casa que o explorador portuguez occupava então era a de A. F. F. da Silva Porto, na Povoação ou Libata de Belmonte.

Já no n.º 38 do OCCIDENTE demos um desenho d'essa casa, copiado de outro, traçado pelo proprio major Serpa Pinto. Permittiu-nos elle que tirassemos do seu album a planta completa da Libata que damos hoje.

A casa já publicada é a designada pelos n.ºs 2 e 3; 6 designa os quartos de creados; 4 indica um pateo interior, e ao lado marcado com uma cruz, o cemiterio, um e outro cercados de laranjeiras e limeiras; 5 é a cozinha e suas dependencias, tendo logo por detraz dois talhões de horta. Esta parte central da povoação tem em redor uma linha de romeiras de fructo e está fechada por uma palissada coberta de roseiras sempre verdes e floridas.

A pouca distancia da entrada da casa, o n.º 7 designa o principal armazem. Os outros quadrados indicam as *cubatas* ou casas de habitação dos negros; e, por dentro da palissada que fecha a Libata em quadrado, deixando apenas uma entrada que o n.º 1 designa, ha uma linha de *Incendeiras*, arvores que, n'este ponto, attingem enormes proporções.

Foi ahí que Serpa Pinto começou a formar um primeiro grupo explorador, bem depressa desmanchado, e que elle conseguia, começar a formar a sua segunda e efficaç expedição.

Mas muitas das espingardas obtidas estavam escangalhadas e faltavam ballas sufficientes para ellas. Então Serpa Pinto fez-se ferreiro, serralheiro, espingardeiro. Em Belmonte encontrou aço, tinha pólvora, e assim fabricou pacientemente cerca de 20:000 balas para cerca de 20:000 cartuchos.

Um equívoco fizera partir para Benguella uma caixa em que se achavam muitos dos seus livros e entre elles um *aide-mémoire* importante para os calculos que tinha a fazer durante a viagem. Por isso Serpa Pinto teve de reconstruir pelo calculo o seu proprio *aide-mémoire*.

Emfim, apoz uma lucta todos os dias renovada por novos obstaculos, a força de vontade heroica do explorador conseguiu pôr de pé uma expedição que, emfim, partiu.

Mas no paiz do Bihé encontrara Serpa Pinto, José Alves, o hediondo José Alves de que falla Cameron. Um dia uma rapariga de treze para quatorze annos de idade procurou Serpa Pinto e disse-lhe:

— Sei que é bom. Pertenceo a um homem que me maltrata e me quer fazer á força sua amante. Venho pedir-lhe que me salve.

— Quem é esse homem? perguntou o explorador.

— José Alves, respondeu a rapariga.

A rapariga saiu e pouco depois Serpa Pinto procurava o celebre negociante de escravos.

Ao ouvir o pedido de Serpa Pinto, José Alves riu-se, e entrou com elle n'uma casa proxima. Então indicando-lhe um canto, disse:

— Allí tem o que eu lhe fiz.

Com effeito a mesma rapariga que procurara o explorador estava amarrada, no chão, e chorava.

Serpa Pinto sentiu que a ira o tomava, correu á rapariga, soltou-a, e saiu com ella da casa lançando tal olhar a José Alves, que este afastou-se tremulo dizendo:

— Por amor de Deus não me mate, sr. major!

Essa rapariga é a preta Marianna que esteve em Lisboa e que desde então acompanhou sempre o explorador na sua viagem.

Estavam ainda no territorio do Bihé. Era uma noite esplendida de luar. N'uma clareira cercada por as arvores da floresta, em volta d'uma fogueira, estavam sentados Serpa Pinto e os seus homens. A pouca distancia, por detraz das arvores, ouvia-se a corrente do rio Cuanza. De repente e para o lado do rio começou a ouvir-se pancadas repetidas como que de quem bate em metal.

O explorador mandou alguns dos seus homens a saber a causa do ruido, e estes voltaram pouco depois acompanhados por outros negros que interrogados declararam estarem acorrentando uma leva de escravos.

Então Serpa Pinto ordenou aos homens que haviam fallado, que immediatamente puzessem em liberdade a gente que conduziam.

Esta ordem era verdadeiramente insolita no sertão africano. Os negros começaram a rir com escarneo.

No campo do explorador portuguez todos então pegaram em armas e uma lucta começou. Foi curta, porém; e pouco depois os escravos eram postos em liberdade e os ferros que os prendiam lançados na corrente profunda do Cuanza.

Esses homens pertenciam tambem, julgo eu, a José Alves.

Depois da viagem pelos alagamentos e pelos pantanos do Nhengo, Serpa Pinto chegou muito doente a Lialui, no alto Zambeze. A alimentação era ahí muito má. Não tinham caça e por isso precisavam sustentar-se do peixe do rio. Mas o peixe, como unico meio de subsistencia, enfraquecia-os de dia para dia.

Os povos, em volta, eram hostis á expedição portugueza. Os negros de Serpa Pinto eram roubados, batidos, sempre que saiam do campo. As reclamações aos chefes eram inuteis.

Uma noite, a 6 de agosto de 1878, estava Serpa Pinto sentado no seu acampamento e dispunha-se a ir tomar a altura da lua que esclarecia vivamente o centro do campo. Este era vasto, formando uma povoação consideravel, se bem que um grande numero de cubatas estivessem deshabitadas por se haverem retirado d'ellas muitos dos negros que faziam parte da expedição.

Então, alguns pontos luminosos começaram

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Na agua envolta pesca o pescador.

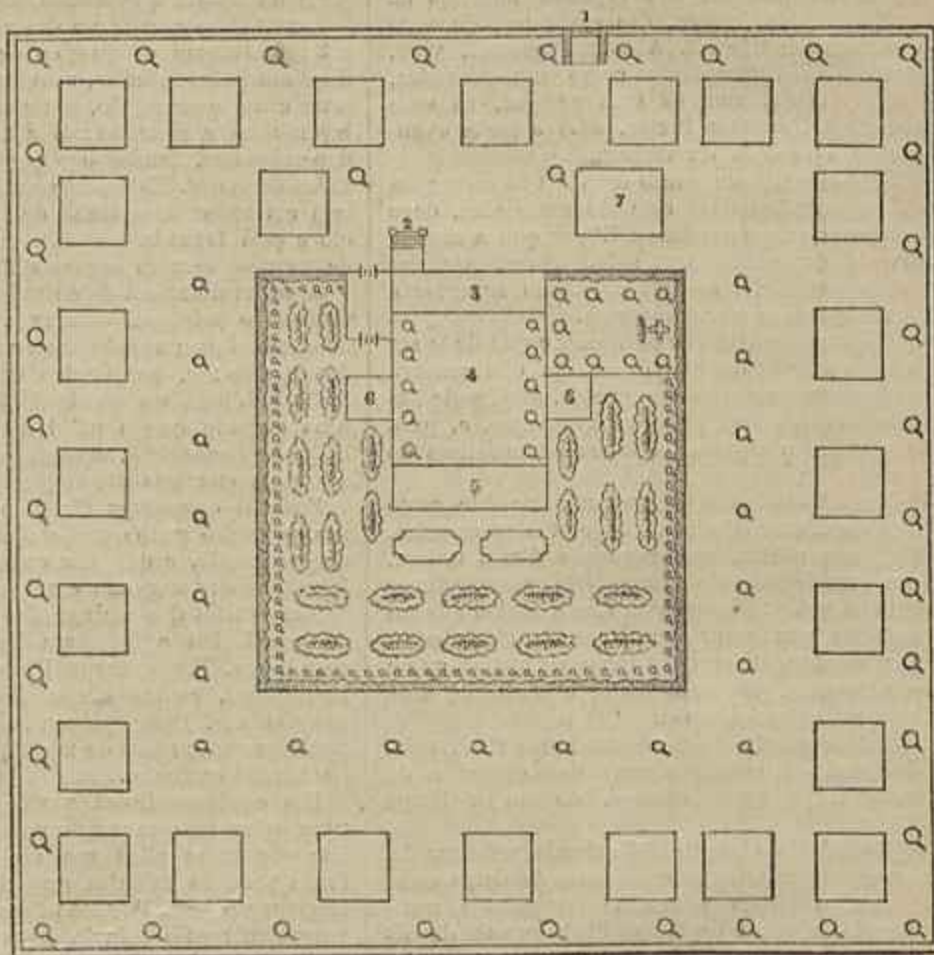


BELMONTE — EXTERIOR DA POVOAÇÃO OU LIBATA DE A. F. F. DA SILVA PORTO, NO BIHÉ
(Extrahido do album de viagem do major Serpa Pinto)

PLANTA
DA
POVOAÇÃO DE BELMONTE
OU
LIBATA DE A. F. F. DA SILVA PORTO
NO
BIHÉ
RESIDENCIA DO MAJOR SERPA PINTO EM 1878

EXPLICAÇÕES

- 1 Entrada da povoação.
- 2 Entrada da casa de Silva Porto.
- 3 Casa de moradia principal.
- 4 Pateo interior.
- 5 Cozinha e dependencias.
- 6 Quartos de criados.
- 7 Armazem.
- Q Incendeiras (arvores de grande talhe).
- Parte palissada que fecha a povoação.
- ≡ Palissada da horta coberta de rozeiras sempre floridas.
- Romazeiras.
- Laranjeiras e limeiras.
- ⊖ Bosques de laranjeiras sempre em flôr e fruto.
- Horta.
- ⊗ Cemiterio.
- Casas de habitação dos pretos.



a mover-se entre as arvores, em volta. A pouco e pouco o numero d'essas luzes augmentou e, repentinamente, soaram os gritos de:

— Fogo! Fogo!

O acampamento atacado sorateiramente estava a arder.

Os instrumentos, os papeis mais importantes, a pólvora, foram á pressa reunidos e, em volta d'elles e da bandeira portugueza, a gente da expedição defendeu-se, durante toda a noite, do ataque violento de centenas de Luinas. Ali morreram muitos d'um e d'outro lado e a bandeira portugueza ainda hoje mostra os golpes

das azagaias, os buracos das balas e as manchas de sangue d'esse terrivel combate.

No dia seguinte retirou a expedição portugueza para as montanhas proximas. Mas, na primeira noite que ali passou, foi Serpa Pinto despertado por um dos seus negros mais fieis.

— Estamos sós no campo, senhor, disse-lhe elle.

— Sós! exclamou Serpa Pinto espantado.

— Venha vêr, estou só, fugiram todos.

Serpa Pinto saiu da sua barraca. Era exacta a noticia. Á excepção dos negros que estiveram em Lisboa e d'uma rapariga que mor-

reu antes de chegarem a Pretoria, todos tinham fugido.

Soubese mais tarde que nenhum dos fugitivos chegára á sua terra e que todos, pelas doencas ou ás mãos de inimigos, ficaram mortos ou escravos.

(Continúa.)

ALBERTO DE CERVAES.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.